



N.º 16 | Dezembro 2008

[<http://www.almadan.publ.pt>]I **Sumário**II **Editorial** | Jorge Raposo**Arqueologia**III **Dois Bronzes de Entidades Tutelares** da cidade romana de *Bracara Augusta* | Rui MoraisIV **Escavações Arqueológicas no Quarteirão dos Antigos CTT (Braga):** resultados preliminares | Luís Fontes et al.V **A Necrópole Romana da Qt^a da Torrinhã / Qt^a de St^o António:** incursão ao universo funerário, paleodemográfico e morfométrico | Sandra Assis e Rui Pedro BarbosaVI **Levantamento Arqueológico do Concelho de Tábua** | Suzana Pombo dos SantosVII **Uma Primeira Leitura da Carta Arqueológica de Avis** | Ana RibeiroVIII **A Faiança Portuguesa nas Ilhas Britânicas:** um projecto de investigação | Tânia Manuel Casimiro**Opinião**XIV **A Relação entre o Parque Arqueológico do Vale do Côa e a População Local:** balanço da primeira década | António Batarda Fernandes et al.XV **O Papel da Bioantropologia:** violência interpessoal, ritual e guerra primitiva nos restos osteológicos humanos | Luís Faria e Eunice Gomes**Património**XVIII **Um Passeio Geológico na Almada Oitocentista** | José M. BrandãoXIX **Livros**XX **Notícias: eventos científicos**XXI **Notícias: actividade arqueológica**IX **A Faiança Portuguesa no Mosteiro de S. João de Tarouca:** metodologia e resultados preliminares | Luis Sebastian e Ana Sampaio e CastroX **Sepulturas Escavadas na Rocha do Monte do Biscaia** | Joana Valdez, Filipa Pinto e João NisaXI **Pertinência da análise bioantropológica em espólio osteológico humano descontextualizado: A Necrópole da Igreja Matriz de Montalvão** | António Matias e Cláudia CostaXII **A Muşalla do Hişn Tırruş / / Torrão:** uma hipótese de trabalho | António Rafael CarvalhoXIII **Os Sítios do Paleolítico Médio na Margem Esquerda do Estuário do Tejo** | Rui Miguel CorreiaXVI **A Ausência da Análise Etnográfica e Experimental** no estudo da cerâmica pré-histórica em Portugal | Gonçalo de Carvalho AmaroXVII **A Influência dos Modelos de Importação de Cerâmica Fina** nas produções madeirenses do século XVII | Élvio Duarte M. Sousa

al-madan IIª Série, n.º 16, Dezembro 2008

al-madan online / adenda electrónica

Propriedade

Centro de Arqueologia de Almada
Apartado 603 EC Pragal
2801-601 Almada PORTUGAL
Tel. / Fax 212 766 975

E-mail secretariado@caa.org.pt

Registo de imprensa 108998

[Http://www.almadan.publ.pt](http://www.almadan.publ.pt)

ISSN 0871-066X Depósito Legal 92457/95

Director Jorge Raposo (director.almadan@clix.pt)

Conselho Científico Amílcar Guerra, António Nabais,
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva e Carlos Tavares da Silva

Redacção Rui Eduardo Botas, Ana Luísa Duarte,
Elisabete Gonçalves e Francisco Silva

Colunistas Mário Varela Gomes, Amílcar Guerra, Vítor Mestre,
Luís Raposo, António Manuel Silva e Carlos Marques da Silva

Colaboram na edição em papel Ass. Prof. Arqueólogos, Mila Abreu, Alexandrina Afonso, M.º José Almeida, Miguel Almeida, Clementino Amaro, Thierry Aubry, A. Martinho Baptista, Patrícia Bargão, Lília Basílio, José Bettencourt, Francisco Caramelo, Guilherme Cardoso, António Chéney, Com. Org. 1.º CPAE, Mónica Corga, Dalila Correia, Miguel Correia, Virgílio H. Correia, Eugénia Cunha, Lino T. Dias, Ana L. Duarte, José d'Encarnação, Carlos Fabião, Luís Faria, A. Batarda Fernandes, M.º Teresa Ferreira, António Fialho, Jorge Freire, Mauro Frola, Eunice A. Gomes, M. Varela Gomes, António Gonzalez, Raquel Granja, Amílcar Guerra, Martine Guindeira, Rosa Jardim, António Jerónimo, Patrícia Jorge, Miguel Lago, Alexandra C. Lima, Luís Luís, Isabel Luna, Ludovino Malhadas, Andrea Martins, Isabel Mateus, Simão Mateus, Henrique Mendes, Marta Mendes, Vítor Mestre, Mário Monteiro, Elena Moran, Nuno Neto, César Neves, M.º João Neves, José Norton, Luiz Oosterbeek, Rui Parreira, Rodrigo M. Pereira, João Pimenta, M.º João Pina, Filipe S. Pinto, J. Carlos Quaresma, Sara Ramos, Jorge Raposo, Luís Raposo, Paulo Rebelo, Aldina Regalo, Fabian Reicherdt, Anabela P. Sá, Jorge D. Sampaio, André T. Santos, Raquel Santos, António M. Silva, Carlos M. da Silva, André Teixeira e António C. Valera

Colaboram na Adenda Electrónica Elisa Albuquerque, Miguel Almeida, Gonçalo C. Amaro, Sandra Assis, Thierry Aubry, Rui P. Barbosa, Pedro Barros, Lília Basílio, Delfina Bazaréu, Cristina Vilas Boas, José Braga, José M. Brandão, António R. Carvalho, Com. Org. 1.º CPAE, J. Muralha Cardoso, Bárbara Carvalho, Tânia M. Casimiro, Ana Sampaio e Castro, Dalila Correia, Rui Miguel B. Correia, Cláudia Costa, Eugénia Cunha, Fernando Dias, José d'Encarnação, Luís Faria, A. Batarda Fernandes, M.º Teresa Ferreira, Luís Fontes, Eunice Gomes, Sérgio Gomes, Amílcar Guerra, Vítor O. Jorge, Ângela Junqueiro, M.º Fernanda Lourenço, Luís Luís, Fernanda Magalhães, Jaime J. Marques, Andrea Martins, Manuela Martins, António Matias, Samuel Melro, Marta Mendes, Rui Morais, César Neves, M.º João Neves, Lurdes Nieuwendam, Susana Nunes, Filipa Pinto, Pedro Pinto, João Nisa, Ana Ribeiro, Jorge Sampaio, Constança G. Santos, Raquel Santos, Susana P. Santos, Luís Sebastian, José Sendas, Francisco Silva, Elvino Duarte M. Sousa, Joana Valdez, Ana M. Vale e Gonçalo Leite Velho

Publicidade Elisabete Gonçalves**Apoio administrativo** Palmira Lourenço

Resumos Jorge Raposo (português), Luisa Pinho (inglês)
e Maria Isabel dos Santos (francês)

Modelo gráfico Vera Almeida e Jorge Raposo**Paginação electrónica** Jorge Raposo**Tratamento de imagem e ilustração** Jorge Raposo**Revisão** M.ª Graziela Duarte, Fernanda Lourenço e Sónia Tchissolle**Impressão** A Triunfadora, Artes Gráficas Ld.ª**Distribuição** CAA | <http://www.almadan.publ.pt>**Tiragem da edição em papel** 1000 exemplares**Periodicidade** Anual**Apoios** Câmara Municipal de Almada e Câmara Municipal do Seixal**FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia**

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



Capa Jorge Raposo

Vale do Côa e Quinta da Ervamoira.

Fotografia © António Martinho Baptista / PAVC

Uma das consequências não despidiendas da extinção do Instituto Português de Arqueologia (IPA), cujas atribuições e competências foram remetidas para o actual Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico (IGESPAR), foi a redução do panorama editorial da Arqueologia portuguesa, com os responsáveis da tutela a entenderem “não prioritária” a manutenção da *Revista Portuguesa de Arqueologia* e da série monográfica *Trabalhos de Arqueologia*. Ambas haviam sido lançadas ou retomadas pelo IPA, com a primeira a registar 19 edições (duas por ano entre 1998 e 2006 e uma última em 2007) e a segunda a chegar ao número 50 (atingido com as quatro edições de 2007), materializando a aposta consequente no fomento da publicação científica, uma das atribuições cometidas a esse Instituto na respectiva Lei Orgânica. É verdade que documento equivalente também confere aos IGESPAR a missão de “*coordenar, no âmbito do Ministério da Cultura, a actividade de divulgação editorial e de promoção nas áreas do património cultural arquitectónico e arqueológico*”. Mas, assumidamente, o seu exercício não é prioridade... pelo menos no que respeita à RPA e aos TA.

Sucede isto numa altura em que se agravam as condições de sobrevivência para outros projectos editoriais de continuidade, sejam estes de natureza estritamente científica ou de âmbito mais geral, direccionados para a divulgação e promoção da cultura científica junto de públicos diversificados, enquanto instrumentos de mediação, partilha e socialização do conhecimento arqueológico e da sua interacção crescente com outras áreas do saber. Face ao alheamento da administração pública central, à situação vão resistindo, melhor ou pior, revistas e seriados produzidos em contexto universitário, com apoios da administração local ou resultantes de estratégias de afirmação empresarial. Porém, a resistência é mais difícil quando o suporte assenta em estruturas organizativas independentes e de recursos económicos e financeiros mais frágeis.

É o caso da *Al-Madan* e do Centro de Arqueologia de Almada, que se debatem com uma evidente contradição. Por um lado, é crescente o número de autores que procuram a revista como meio de divulgação dos seus trabalhos, quer na edição impressa quer na complementar *Al-Madan Online - Adenda Electrónica* (<http://www.almadan.publ.pt>). Por outro, avolumam-se os constrangimentos orçamentais decorrentes da subida dos custos de produção e da diminuição das receitas – reduzem-se as vendas, não porque a revista perca interesse junto dos potenciais leitores, mas porque crescem as dificuldades de distribuição, reduzem-se os postos de venda e aumenta o número dos que não pagam a tempo os materiais facturados; diminuem as receitas de publicidade porque a crise afecta as instituições potencialmente interessadas; por fim, com honrosa excepção dos municípios de Almada e do Seixal, diminuem também os apoios institucionais que vêm contribuindo para o equilíbrio sustentado do projecto.

Enfim... veremos o que o futuro nos reserva.

Jorge Raposo



A Influência dos Modelos de Importação da Cerâmica Fina

nas produções madeirenses do século XVII

por Élvio Duarte Martins Sousa

Arqueólogo e investigador do CEAM – Centro de Estudos de Arqueologia Moderna e Contemporânea.

0. Discussão

Nos últimos tempos, o registo arqueológico dos sítios da Madeira e do Porto Santo tem mostrado um tipo característico de cerâmica, com pastas de fabrico local cuja influência morfológica se pode situar nos modelos de importação da conhecida cerâmica fina não vidrada, de produção continental ¹. Este dado tem alimentado a discussão em torno da possível imitação local dos serviços de louça fina, caracterizada pelas superfícies engobadas e brunidas, de pastas compactas e depuradas e de elevado requinte e qualidade de acabamento. São peças que, do ponto de vista decorativo, ostentam frequentemente apontamentos com reticulados oblíquos, linhas quebradas em ziguezague e onduladas, caneluras, ônfalos (pequenas concavidades) e pintura a branco e contornos incisos (ver Fig. 2) ².

Além da problemática subjacente à seriação do grupo de pasta das louças de produção local (SOUSA 2006), cujo estudo seguiu de perto a metodologia das análises químicas e mineralógicas e permitiu consequentemente traçar um quadro crono-tipológico dos materiais cerâmicos madeirenses, o tema em discussão constitui um dos assuntos mais aliciantes no estudo da problemática de cerâmica da Época Moderna no arquipélago da Madeira. Todavia, pese embora o presente texto procure abordar uma possível relação de gosto e de recriação regional das séries importadas, os dados actualmente disponíveis são ainda insuficientes e requerem uma reflexão mais profunda e sustentada.

O reportório de formas resultante do registo arqueológico revela uma tipologia multifacetada e com fortes afinidades às lides quotidianas. Trata-se, basicamente, de peças de uso utilitário, como sejam as tigelas, as taças, as bilhas, os tachos, as frigideiras, os púcaros e os pucarinhos. São peças extremamente úteis às necessidades quotidianas da vida doméstica, não só para um uso culinário (como as peças de cozinha e de mesa) mas, também, para outras necessidades prementes, caso da armazenagem de alimentos e bebidas.

O texto orienta-se, assim, pela problemática da relação de causalidade entre a cultura material cerâmica importada e uma provável recriação desses modelos nas olarias locais.

Discutem-se alguns indicadores históricos na relação com os centros produtores do continente português, e salientam-se os aspectos técnicos do grupo de pasta local (caracterizado pela sua cor castanha avermelhada, uma textura mais ou menos grosseira e tratamento das superfícies à base de um brunimento), em analogia com as cerâmicas finas não vidradas.

¹ De acordo com a tipologia apresentada no artigo remetido para publicação nas actas do VI Encontro de Olaria Tradicional de Matosinhos (SOUSA, no prelo).

² Exceptuam-se desta análise os exemplares com decoração empedrada.

r e s u m o

Abordagem da influência da loiça fina importada do território continental português, enquanto modelo das formas cerâmicas recriadas nas olarias da Ilha da Madeira, no século XVII. O autor comenta e caracteriza esta aproximação estética ao gosto da época, a partir de materiais exumados em sítios arqueológicos de natureza aristocrática e religiosa.

p a l a v r a s c h a v e

Idade Moderna; Cerâmica de cozinha; Ilha da Madeira.

a b s t r a c t

Influence of fine china imported from Continental Portugal as a model for the ceramic shapes recreated on the Island of Madeira potteries in the 17th century.

The author comments and characterizes this aesthetic approach to the taste of the epoch, based on materials excavated from aristocratic and religious sites.

k e y w o r d s

Modern age; Kitchen pottery; Island of Madeira.

r é s u m é

Approche de l'influence de la vaisselle fine importée de la métropole portugaise, comme modèle des formes céramiques recréées dans les poteries de l'île de Madère au XVIIème siècle.

L'auteur commente et caractérise ce rapprochement esthétique avec le goût de l'époque, à partir de matériaux exhumés sur des sites archéologiques de nature aristocratique et religieuse.

m o t s c l é s

Période moderne; Céramique de cuisine; Ile de Madère.



Fig. 1

Na contextualização histórica, importa sublinhar que o povoamento do arquipélago da Madeira no século XV implicou a construção de raiz de infra-estruturas, traçados e usos do espaço à imagem de um modelo de origem adaptado à orografia insular. Do “Reino”, os apetrechos de cerâmica terão chegado aos milhares aos portos madeirenses, com o objectivo de cobrir as necessidades quotidianas da população recém-chegada.

1. As importações

Entre os séculos XV e XVII contabilizam-se várias referências documentais relativas à entrada de loiça de Portugal continental. No final do século XV (1485 e 1486), as vereações da Câmara Municipal do Funchal situam a proveniência de conjuntos de loiça e de cerâmica de construção (telhas) oriundas da várias parte dos Reino, a saber: “*pannels do Porto*”, “*loiça de Lixboa*” e “*loiça de Setuall*” (COSTA 1995: 100):

“*Item acordarom e detrimjnarom que Fernandeannes mercador que comprou as panellas do Porto antes dos quinze djas da postura que page a pena que ssom trezentos rrs. E mães a dicta loiça sse rreparta per o dicto pouoo*”.

“*Item no dicto dia detriminarom que Gil Enes alffayte page iijc rrs. de pena em que cayo por comprar loiça de Lixboa ante de Sam Joam esto antes dos quinze djas conteúdos na pustura e que a loiça rreparta per o pouo*”.

³ ARQUIVO... L.º 1326, 1632, fl. 33.

⁴ Cfr. CARITA 1987: 240.

No século XVII, chegam carregamentos de loiça de várias localidades do continente português, com especial atenção para as produções de Aveiro: em 1667, loiça vermelha (20 carros); em 1670, loiça (quatro carros), em 1682, loiça (20 carros), e em 1699, loiça vermelha (dez carros) (LEÃO 1999: 123-149). Da primeira metade do século XVII temos conhecimento de dois carregamentos. Um primeiro, datado de 17 de Julho de 1623, dando

conta de um fretamento de uma embarcação de nome *Santo António* pelo comerciante Gaspar Pires Machado para se deslocar a Aveiro e à Madeira, a fim de transportar loiça (MOREIRA 1990). E um outro, de 9 de Junho de 1632, que menciona a chegada ao porto do Funchal da embarcação de nome *Santíssimo Sacramento*, propriedade de Manoel Louiz, alemão, declarando que trazia sal e loiça: “*Na ditto Vereação veo a camara Manoel Louiz? Alemão mestre de sua caravella por nome Santissimo Sacramento que veo de Aveiro e declarou que elle trouxe Sal e Lousa que podia tudo importar cento e sincoenta mil reis pouco mais ou menos [...]*”³.

Outras fontes documentais individualizam um tipo característico de loiça fina de importação muito apreciada em meios sociais religiosos e aristocratas.

Cita-se, por exemplo, um documento do Colégio dos Jesuítas do Funchal da segunda metade do século XVII, que justifica curiosamente o uso social das cerâmicas para proveito dos governadores: “*Mandou se vir do Reyno grande quantidade de Louça fina para o uso dos governadores, quando são hospedados no Collegio, e outro sy muitos pucaros de Maya para o mesmo uso [...]*”⁴.

2. As produções locais

As produções regionais de loiça utilitária eram tidas de fraca qualidade. Por essa razão, o fabrico de peças de cerâmica pelos oleiros da Ilha da Madeira foi objecto de frequentes preocupações municipais. A inferior qualidade do barro de ilha, conhecido por “*barro da terra*”⁵, dificultava a confecção de recipientes de boa qualidade para as lides quotidianas. Sabe-se, inclusive, que a Câmara Municipal do Funchal promoveu, sistematicamente, uma série de me-

didadas com vista a impedir a proliferação da chamada “*lousa falsa*”, tida como frágil e quebradiça ⁶. Ao longo dos séculos XVI e XVII, procurou-se fiscalizar a actividade dos oleiros, sobretudo na preparação da matéria-prima, determinando-se que no fabrico da louça não se misturasse o barro da ilha com o importado de Lisboa ⁷, ou que se a fabricasse através de uma mistura de barro local com outros do Porto Santo e Açores ⁸.

A documentação aponta como uma das principais características da louça regional a cor predominantemente avermelhada. Essa característica era, segundo Alberto Artur Sarmiento, observável nas produções da Rua da Olaria, na actual zona velha do Funchal, na segunda metade do século XVII, onde também se comercializava louça com essa tonalidade (SARMENTO 1941).

Apesar da inferior qualidade das peças, a produção de cerâmica local representou uma fatia considerável no mercado regional, sobretudo na confecção de recipientes para uso utilitário e culinário. Veja-se, por exemplo, um precedente na relação morfo-terminológica dos recipientes cerâmicos, através da descrição das posturas de 1587, onde a referência terminológica aos alguidares é acompanhada pela área geográfica de origem, a localidade de Aveiro ⁹.

A suposta relação com a louça de paredes finas de importação pode ser observada macroscopicamente nalguns exemplares locais, exumados em contextos do século XVII em Machico e no Funchal, que apresentam as superfícies engobadas e brunidas. A concepção tipológica e morfológica dos recipientes e o tratamento oferecido às superfícies, nomeadamente em matéria de decoração e brunimento, salientam essa relação de proximidade com os serviços de loiça oriundos dos circuitos comerciais do “Reino”.

Uma das peças mais características, identificada num estrato do século XVII da Junta de Freguesia de Machico, é uma tampa de cerâmica que faz lembrar as representações iconográficas das “naturezas mortas” da pintura seiscentista (Figs. 3, 4 e 5). Exibe uma pasta de trama pouco compacta, de cor castanho avermelhada (CAILLEUX s.d.: S27) e a superfície externa engobada e tipicamente brunida a vermelho escuro (T20). O próprio componente cerâmico, representado individualmente por uma tampa do grupo de pasta local, estabelece uma relação de funcionalidade com um outro recipiente, que se supõe tratar-se de uma bilha.



Fig. 2



Figs. 3, 4 e 5



⁵ As provisões da Câmara do Funchal proibiam na confecção da louça o uso da “terra de masapes” ou de “almagra” [variedade de argila vermelha]: “[...] os oleiros desta cidade não uzem de botar almagra na lousa que fizerem e lavarem que ouver de hir ao lume [...] por quanto ha muita queixa no povo que fazem adita lousa de barro da terra de masapes e a singem(?) com a dita almagra hem chegando ao fogo se quebrao no que notavel engano para o povo [...] e outro si não botarão na dita lousa área da terra [...]” (ARQUIVO..., L.º 1324, fl. 9, 6 de Janeiro de 1627).

⁶ A Câmara Municipal do Funchal, num auto de Junho de 1605, mandou que se “quebrase toda panelas e tigelas de fogo que he lousa que vai ao fogo”, fabricadas pelo oleiro Roque Freitas, pelo facto de ser “loiça falsa e de barro falso” (ARQUIVO..., L.º 1316, fl. 42, Junho de 1605).

⁷ ARQUIVO..., L.º 1324, fl. 12, 1626: “[...] os oleiros que tirem barro desta ilha pêra misturarem os de Lisboa para fazerem lousa encorrerão em penna de seis mil res [...]”.

⁸ No século XVI (1589), estabeleceu-se que não se lavrasse o barro “estreme da terra, sem juntar os do Porto Santo” (cit. por SARMENTO 1941, sem paginação). Em Maio de 1635, a Câmara Municipal do Funchal aprovou o fabrico de louça com argilas de mistura: “[...] requereram que tinham trazido a esta camara a lousa das misturas do barro que se lhe tinha dado: uma parte do barro desta ilha, e duas do Porto Santo, das ilhas de baixo [S. Miguel e Santa Maria, Açores] e se tinha achado ser a dita louza boa e de proveito ao povo, pelo que lhes deram licença para usarem dos ditos barros e fazerem a lousa no modo e maneira da mostra que trouxeram a esta carta [...]” (ARQUIVO..., L.º 1327, fl. 19, 1635).

⁹ Sobre este assunto, ver SOUSA 2007: 33-35.



Fig. 6

Outros fragmentos de pasta regional, de espessura fina, indiciam as formas e as gramáticas decorativas da louça fina e de possível influência barroca (Fig. 6). A identificação do repertório geral das formas é dificultada pelo carácter fragmentário do espólio cerâmico. Outros achados recentes identificados nos trabalhos arqueológicos da área urbana da cidade de Machico (Casa da Travessa do Mercado e Casa com a Porta Manuelina), sugerem igualmente uma analogia com as cerâmicas finas não vidradas.

Observa-se, ainda, que no acervo arqueológico seiscentista da Ilha de São Miguel, Açores, nomeadamente do ex-Mosteiro de Jesus da

Ribeira Grande e da Vila Franca do Campo (escavações de Sousa d'Oliveira), se encontram exemplares que evidenciam uma interpretação idêntica à do espólio da Madeira, sugerindo-se um processo de assimilação morfológica.

Um outro exemplar que, também, se pode integrar nas produções dos oleiros madeirenses, embora de confecção mais comum, é representado por um púcaro do século XVII (Fig. 7), identificado nas escavações das Casas de João Esmeraldo do Funchal e em exibição no Núcleo Museológico “A Cidade do Açúcar” (GOMES e GOMES 1989: 40; GOMES e GOMES 1998: 342). Exibe 285 mm de altura e 102 mm de diâmetro e apresenta uma pasta castanho avermelhada, não muito bem depurada.



Fig. 7

No cômputo geral, as cerâmicas observadas mostram, predominantemente, um acabamento cuidado, de aspecto acetinado e lustroso, como resultado da aplicação de um engobe e consequente brunimento.

É bem possível que os oleiros insulares tenham ensaiado o fabrico das louças requintadas de importação, procurando uma proximidade estética ao gosto dos modelos da época. É ainda prematuro tecer demais considerações quanto aos indicadores de utilização social e económica das cerâmicas.

Acrescenta-se a esta problemática o facto da expressiva maioria das cerâmicas ter sido exumada em contextos estratigráficos homogêneos seiscentistas de Machico e do Funchal, particularmente em sítios de influência aristocrática e religiosa. No entanto, carecendo esta hipótese de maior fundamentação, nela residirá a plataforma de problematização no estudo complexo das produções regionais da Época Moderna.

Bibliografia

- ARQUIVO Regional da Madeira – Livro de Vereações. Câmara Municipal do Funchal. L.º 1316, fl. 42, 1605; L.º 1324, fl. 9 e 12, 1626 e 1627; L.º 1326, fl. 33, 1632; L.º 1327, fl. 19, 1635.
- CAILLEUX, A. (s.d.) – *Note Sur le Code des Couleurs des Sols*. Boubée.
- CARITA, R. (1987) – *O Colégio dos Jesuítas no Funchal*. Funchal: Secretaria Regional da Educação. Vol. II.
- COSTA, José Pereira, trans. (1995) – *Vereações da Câmara Municipal do Funchal. Século XV*. 1.ª ed. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico.
- GOMES, Mário Varela e GOMES, Rosa Varela (1989) – “Intervenção Arqueológica”. In *Escavações nas Casas de João Esmeraldo – Cristóvão Colombo, 1989 (1.ª fase)*. Funchal: Câmara Municipal do Funchal, pp. 27-48.
- GOMES, Mário Varela e GOMES, Rosa Varela (1998) – “Cerâmicas, dos Séculos XV a XVII, da Praça Cristóvão Colombo no Funchal”. In *Actas das 2as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval de Tondela*. Porto: Câmara Municipal de Tondela, pp.315-348.
- LEÃO, Manuel (1999) – *A Cerâmica em Vila Nova de Gaia*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- MOREIRA, Manuel (1990) – *Os Mercadores de Viana e o Comércio do Açúcar Brasileiro no Século XVII*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.
- SARMENTO, Alberto Artur, ten-cor. (1941) – *As Pequenas Industrias da Madeira*. Funchal: Imp. “Diário de Notícias”.
- SOUSA, Elvivo Duarte Martins (2006) – *Arqueologia da Cidade de Machico. A construção do quotidiano nos séculos XV, XVI e XVII*. Machico: CEAM – Centro de Estudos de Arqueologia Moderna e Contemporânea.
- SOUSA, Elvivo Duarte Martins (2007) – *500 Anos de Cerâmica na Madeira. Estudo arqueológico de vinte e cinco peças arqueológicas*. Machico: ARCHAIS.
- SOUSA, Elvivo Duarte Martins (no prelo) – “Cerâmica Fina Não Vidrada da Época Moderna no Arquipélago da Madeira”. In *Actas do VI Encontro de Olaria Tradicional de Matosinhos*.